

# Espiritismo, hipnotismo e acupuntura

Jenner Cruz

Meu primeiro contato com o espiritismo foi na infância. Não me recordo com que idade escutei uma conversa de minha mãe sobre seu pai, meu avô, dizendo que ele fora espírita, mas que, em idade avançada, voltara a acreditar no cristianismo. O meu avô tinha um pequeno escritório na casa dele com uma boa biblioteca. Nela, havia alguns livros de Lombroso que eu nunca li.

Cesare Lombroso nasceu em Verona, em 6 de novembro de 1835, e desencarnou em 19 de outubro de 1909, em Turim, como dizem os seus discípulos. Converteu-se ao espiritismo depois de participar das experiências da famosa médium Eusápia Paladino, quando assistiu à materialização do espírito de sua mãe. A partir dessa data, não teve dúvidas da sobrevivência e da comunicabilidade dos espíritos.

Ele foi também um grande médico criminalista, escritor e filósofo. Como psiquiatra, propôs que certos criminosos possuem evidências físicas atávicas. Essas anomalias, denominadas estigmas, eram expressas no crânio, na mandíbula, na simetria da face e em outras partes do corpo. Porém, tais teorias depois foram consideradas inconsistentes e inexistentes.

Homem profundamente honesto, defendeu a veracidade do espiritismo até sua morte.

Na infância, um tio paterno, que era dentista, mudara-se para Mogi das Cruzes, onde morávamos. A partir dessa data, passamos a tratar com ele nossos problemas dentários. Um dia, minha mãe, voltando de uma consulta, relatou um fato que muito a impressionou. Ela estava na cadeira de dentista e tinha um amigo do meu tio no consultório. Eles conversavam enquanto ela era tratada. Ela não sabia que ambos eram espíritas e que estavam comentando a última reunião que tiveram. Falaram que o “pretinho” não executara bem o seu papel. Ela ficou sabendo também que um jovem, de cor negra, entrava na penumbra e fazia com que muitas “mágicas” parecessem obras espíritas. Com isso, eles tiveram que acalmar a minha mãe dizendo que, às vezes, os fenômenos espíritas são demorados e há a necessidade de um impulso para apressá-los, com o fim de convencerem os presentes mais incrédulos.

Durante o curso médico, minha futura esposa e eu fomos convidados para uma festa de aniversário na casa de uma colega. Após algum tempo, para tornar o encontro mais animado, essa colega falou aos presentes:

— Vamos levantar uma mesa?!

Parece que ela e seu irmão já tinham feito aquilo antes. Escolheram uma mesa grande, para abrigar todos os presentes, menos o irmão. Ficamos ao redor desse móvel, com as mãos abertas sobre ele, unidas duas a duas. A sala foi parcialmente escurecida, e ficamos pensando em conseguir levantar a mesa. Em pouco menos de cinco minutos, essa mesa levantou, para nossa incredulidade. Após algum tempo, minha colega mandou seu irmão subir na mesa e pular sobre ela, que nem tremeu. Quando retiramos as mãos, o móvel voltou para o lugar. Fizemos uma contraprova: levantamos a mesa segurando por baixo de sua borda. Ela era pesada. O irmão subiu e pulou novamente, a mesa tremeu e tivemos dificuldade em aguentar seus pulos.

Recentemente, numa das reuniões anuais de nossa turma, perguntamos para nossa colega se ela havia levantado a mesa outras vezes, ela disse que não, porque sua mãe, assustada, proibira que o fizesse.

Ficamos sabendo, depois, o que pode fazer a força do pensamento, porque não acreditamos que foram espíritos, não convocados, que fizeram a façanha.

Porém, meu contato com o espiritismo não foi apenas negativo. Quando era médico chefe da Superintendência de Água e Esgotos da Capital, coordenei o grande trabalho dos assistentes sociais da Seção, internando dependentes alcoólatras em um hospital mantido pelos espíritas, bem como tomei conhecimento de grandes obras sociais que eram feitas em Mogi das Cruzes, pela entidade espírita Cáritas.

Meu contato com o hipnotismo também começou na infância. Minha mãe contou várias vezes que uma irmã, que falecera cedo e não cheguei a conhecer, era hipnotizada pelo médico, inclusive durante um telefonema.

Nas aulas de Psiquiatria, do 6º ano do curso médico, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tínhamos aulas magistrais do Prof. Dr. Antonio Carlos Pacheco e Silva. Uma, que muito impressionou todos colegas presentes e que foi assistida pelo saudoso Superintendente do Hospital das Clínicas, Dr. Enéas Carvalho de Aguiar, foi sobre hipnotismo. Nela, foi apresentado um paciente portador de uma paralisia psicossomática de um braço, denominada sinistrose ou indenizofilia. Com o paciente hipnotizado, a paralisia desaparecia e o braço movia-se normalmente. O professor demonstrou também que, quando uma pessoa está hipnotizada, ela não sangra: espetado com uma agulha, não saiu nenhuma gota de sangue.

Esse fato foi importante para entender o que iremos relatar.

Após a queda do muro de Berlim, alguns médicos do Hospital das Clínicas fizeram uma excursão a alguns países da Europa, passando pela Rússia e terminando na China, na Ásia. Entre eles, estava um médico diabético, insulino-dependente, que, por precaução, havia levado vários frascos de insulina. Naquela época, não havia ampolas descartáveis. As injeções eram feitas com a mesma seringa e, quase sempre, com a mesma agulha, fervidas previamente. Utilizava-se uma pequena caixa metálica, onde havia um suporte removível, em que se guardavam a seringa e as agulhas. Estas, misturadas com água, ficavam na tampa maior, e o suporte e o álcool ficavam na tampa menor da caixa metálica. Acendia-se o álcool e fervia-se a água por uns minutos, e, quando não era uma pessoa de casa, o tempo de fervura era de 30 minutos.

Quando chegaram na Rússia, o álcool havia acabado, e não havia álcool à venda. Procurando as autoridades russas, souberam que poderiam fornecer 200 ml de álcool, mas a burocracia para essa autorização duraria alguns dias. Felizmente, um dos colegas “salvou a Pátria”. A vodka russa, de venda livre, queimava como o álcool. Não gostaram da Rússia, mas, sim, e muito, da China, chegaram a ser recebidos pelo próprio Mao Tse Tung!

A revista *Seleções*, do *Reader's Digest*, publicou, tempos atrás, sobre uma visita semelhante de médicos americanos à China, também muito bem recebidos. Um deles, especialista famoso em cirurgia de cabeça e de pescoço, foi convidado por um colega chinês para assistir a uma cirurgia da tireoide. Na sala, já anestesiados e paramentados, viram o paciente chegar andando, com o habitual camisolão, cumprimentar efusivamente os cirurgiões com repetidas inclinações da cabeça e deitar na mesa cirúrgica. Enquanto um assistente fazia a assepsia e preparava o campo operatório, o médico chinês abriu uma caixa e tirou várias agulhas de acupuntura. Estas foram aplicadas em pontos especiais, explicados minuciosamente. A cirurgia foi muito bem conduzida, sendo que o paciente ficou acordado e imóvel durante todo o procedimento. No final, as agulhas foram retiradas, o paciente levantou-se, fez novas e repetidas medidas e se retirou andando.

O médico americano ficou muito impressionado e, no mesmo dia, recebeu uma caixa de agulhas metálicas para acupuntu-

ra, de ótimo metal; não me recordo se eram de prata.

Chegando aos Estados Unidos, conseguiu convencer um paciente a fazer cirurgia semelhante. Até colocar as agulhas, no mesmo local que aprendera, foi tudo bem, mas, no primeiro corte, o paciente reclamou, e a operação foi concluída com o auxílio de um anestesista, que já estava presente, de plantão. A conclusão desse médico foi que o paciente chinês fora hipnotizado pelo cerimonial, porque não sangrara durante o ato cirúrgico, apesar de ter ocorrido pouquíssima hemostasia e ser um tipo de cirurgia famosa pela perda sanguínea.

A hipnose é um estado mental semelhante ao sono, provocado artificialmente, no qual o indivíduo continua capaz de obedecer às sugestões feitas pelo hipnotizador. O tratamento pela hipnose começou com os antigos gregos e egípcios, mas sua prática passou a ser proibida pelas religiões judaica, cristã, islâmica e outras, ficando adormecida até que o médico austríaco, Franz Mesmer (1734-1815), formado pela Universidade de Viena, em 1766, ressuscitou-a.

Ele é considerado o primeiro indivíduo a estudar cientificamente o fenômeno da hipnose e o seu uso em várias doenças, principalmente, nervosas ou psicológicas. Mesmer acreditava que o corpo humano possui um fluido magnético que produz saúde e bem-estar. Vários seguiram as suas teorias, como Benjamin Franklin, Antoine-Laurent Lavoisier e Jacques Guillotin. James Braid, que criou o termo hipnotismo, do grego: *hîpnos* = sono, foi um de seus seguidores. Braid e James Esdaile descobriram que a hipnose produzia anestesia, passando a ser utilizada em diferentes cirurgias. Em meados de 1900, com a descoberta dos anestésicos, essa prática começou a ser abandonada.

Em 1955, a Associação Médica Britânica aprovou a hipnoterapia como uma forma válida de tratamento médico, e, em 1958, a AMA — Associação Médica Americana — fez o mesmo.

Acredito um pouco na frase: o câncer é doença da tristeza e tendo a crer, como Mesmer, que o otimismo e a alegria geram *um fluido magnético que produz saúde e bem-estar*.

Concluindo, direi que não acredito na presença de espíritos nem na reencarnação, mas admiro as obras sociais que fazem. Penso que ainda estamos engatinhando no estudo e no aproveitamento de nossa força mental. Não acredito na eficácia da acupuntura, nunca tomei conhecimento de um paciente em que o tratamento com acupuntura fosse superior à fisioterapia e aos anti-inflamatórios.

**Jenner Cruz**  
*Membro da Academia de Medicina de São Paulo  
e Ex-professor Titular de Nefrologia da  
Universidade de Mogi das Cruzes*